

Notícias de Guimarães

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ANO 21.º N.º 1055

GUIMARÃES, 6 de Abril de 1952

Redacção e Edm., R. da Rainha, 55-B Tel., 4313

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

INQUÉRITO

Ao cabo de pouco mais de seis meses, iniciou-se agora o inquérito que, por sugestão nossa em dois artigos que, sob a epígrafe «Rumores» aqui foram publicados em 26 de Agosto e 2 de Setembro do ano findo, a Câmara solicitou ao Governo.

Mais vale tarde do que nunca e não é de estranhar tamanha demora, mesmo em assunto de tanto melindre, porque o país não se restringe a Guimarães, há-de haver muitos casos semelhantes para atender, e pessoal competente e incorruptível que ofereça garantias de independência, isenção e sagacidade não é fácil de recrutar em número bastante para acudir de pronto a todas as necessidades.

Por isso, nunca nos impacientamos; fomos sofrendo com resignação e sem surpresa as sanções resultantes da nossa atitude que não se fizeram demorar, sem que tal signifique, assim lealmente o supomos, que tivessem sido reclamadas com maior pressa e empenho, e não escrevemos mais uma palavra sobre o assunto, tão certos estávamos de que o Governo não deixaria de atender as solicitações da Câmara, para prestígio do regime e salvaguarda dos interesses municipais.

Acentuamos que a Câmara deveria insistir por que o inquérito fosse rigoroso, sincero e sério; nenhuma razão temos para duvidar de que ele corresponderá escrupulosamente a essas condições essenciais.

Mas não é isso bastante para a sua eficácia; é preciso também, é mesmo essencial que o «murmurejar que já ia sendo clamor», que os «rumores que corriam» e com certeza devem continuar a correr, não se apague agora, repentina e cobardemente. E' necessário que todos corram em auxílio do inquérito, comunicando-lhe o que sabem ou lhes conste, fornecendo-lhe todas as indicações, por insignificantes que pareçam, porque todas podem ser úteis, na certeza de que todos serão acolhidos, ouvidos e louvados desde que procedam com verdade e sincero desejo de colaborar na obra de desinfectação moral a que o inquérito se destina. O contrário seria desonroso ou criminoso para os «murmuradores» e glorioso para os prevaricadores se, porventura se confirma que os há.

E ainda não basta. E' necessário também que os próprios «funcionários, vereadores ou chefes de serviço» que possam supor-se atingidos pelos «rumores de prevaricação, de encobridores de irregularidades ou de descuido nos seus deveres de fiscalização» sejam os primeiros a apresentar-se para defrontarem com dignidade e brío o inquérito e com tanto maior desassombro e prontidão quanto mais seguros estejam da sua isenção de culpas.

Não sabemos até onde chega o âmbito do inquérito em curso, se ele se limita às simples averiguações de casos de carácter dilituoso ou pode abranger as possíveis irregu-

laridades no cumprimento das normas legais administrativas. E, assim, fica-nos a dúvida de que o público seja finalmente elucidado e tranquilizado sobre o respeito que tenha merecido às vereações vimaranenses o destino atribuído nos respectivos orçamentos às verbas neles consignadas para determinados fins. Há uma rubrica, a de «Outras Despesas» que soa mal no conceito dos contribuintes quando à sombra dela vêem arrumadas, nas raras ocasiões em que se publicam contas da Câmara, verbas que, no seu conjunto, somam bastantes centenas de milhares de escudos. Por diversas vezes temos referido a essas «Outras Despesas» pedindo esclarecimentos que nunca foram dados. Será agora a oportunidade de se aclarar este caso que tanto se presta para as piores suposições? E' que, realmente, permitir que se paguem despesas não orçamentadas ou porventura nem

Conclui na 2.ª página.

DAQUI NÃO SAIO ...

SALÁRIOS

Dizem os compêndios das escolas que o homem primitivo se alimentava de raízes e frutos silvestres e, depois, da caça e da pesca. Durante este período, a vida do homem não diferia da vida de qualquer animal selvagem. Cada um colhia e caçava, como podia, sem se preocupar com a, hoje, tão apregoada justiça social.

A indumentária era simples e, para a habitação, havia a caverna. As necessidades vitais, portanto, reduziam-se ao único trabalho de caçar para comer. Mais tarde, vem a vida pastoril, em que o homem já apascenta os rebanhos e principia a arrotar a terra. E', então, que ele vai tomando novos hábitos e novos costumes e, por isso, vai criando também novas necessidades.

Aqui, os mesmos compêndios afirmam que o homem já não pode viver isolado, porque não pode bastar-se a si mesmo, tendo de viver em sociedade. Era-lhe impossível realizar, por si só, todos os serviços necessários à vida e precisou, portanto, de resolver o problema, no sentido colectivo, sendo dividido o trabalho por todos. Criou-se, assim, a vida profissional. Todos os indivíduos ficaram a contribuir com o seu género de trabalho, para o bem comum da sociedade.

Como era difícil a troca dos produtos, houve necessidade de criar a moeda a qual serviu para representar o valor do trabalho de cada um, estabelecendo-se, por esta forma, o que se chama o salário.

Até aos últimos tempos, o valor do trabalho oscilava conforme as necessidades que a sociedade dele tivesse. Entendeu-se e muito bem que, embora este regime obedecesse à regra natural das

Quando falamos em riqueza e ao mesmo tempo nos lembramos de certas mãos avarentas que a retêm sem um simples gesto de Caridade, sentimo-nos revoltados contra os detentores de uma riqueza em tais condições. Porém, quando, por outro lado, nos lembramos do contrário, isto é, de que a riqueza também se encontra em mãos de quem odeia a avareza e ama a pobreza, passamos, então, a fazer os mais ardentes votos para que o capital dos que assim procedem se multiplique cada vez mais.

Consideramos abençoada, portanto, a sorte e a felicidade de todos os Benfeitores da Humanidade, visto que dessa sorte e dessa felicidade compartilham muitos desgraçados para os quais a luta pela vida constitui um sudário de lágrimas e um calvário das mais angustiosas privações.

De resto, não atacamos os homens de dinheiro, quando ganho honestamente, à custa do seu suor laborioso durante muitos anos e não com o fim de o tornar improdutivo ou às

ordens da egoísta e gananciosa avareza, como, infelizmente, se verifica por toda a parte e de um modo geral entre aqueles que enriqueceram de um momento para outro, comprando quintas, palácios, etc., quando, anteriormente, não poderiam comprar um bilhete de lotaria a pronto pagamento! Estes, os avarentos sem alma e sem coração, não reconhecem ao seu semelhante pobre o direito à vida e, porque assim o pensam e assim o fazem, negam-lhe o mais insignificante benefício e consideram-no um autêntico farrapo humano.

São estes os que nós atacamos e condenamos, pois nenhuma consideração nem simpatia nos merecem. Toda a nossa veneração e simpatia e o nosso respeito vão para aqueles que praticam as mais cativantes acções de benemerência, quer matando a fome aos famintos, quer exercendo a sua Caridade por meio de outros actos através dos quais a sua vida se ligará aos mais salutaros e humanitários exemplos legados à posteridade.

São muitos, graças a Deus, esses exemplos da solidariedade humana e cristã e, a propósito, transcrevemos a seguinte notícia de Oliveira do Hospital:

«HOSPITAL REGIONAL — Continuum, com certa regularidade, as obras do Hospital Regional, que, como se tem dito, resultam de uma doação de seis mil contos, feita pelo sr. Aurélio Amaro Diniz, da vizinha povoação da Lageosa. E' manifesto o interesse de todos os habitantes desta região por tal empreendimento, que muito vem beneficiar as classes pobres principalmente».

O Benfeitor do Hospital Regional de Oliveira do Hospital é um exemplo vivo e expressivo da generosidade e da Caridade, no mais elevado esplendor do significado desse importante Padrão de glória que ficará a perpetuar o nome e a memória de quem deixa neste mundo um monumento consagrado às suas virtudes, aos seus sentimentos e ao bem que espalhou pelos pobrezinhos de Oliveira do Hospital.

Abençoada riqueza!

V. C. A.

Por que não se fazem as Solenidades da Semana Santa?

Alguns colegas nossos têm-se referido ao facto de não se realizarem em Guimarães as cerimónias da Semana Santa, o que representa falta de cumprimento de um legado instituído pela benemérita senhora D. Eulália Melo.

Verifica-se que durante seis anos consecutivos, isto é, desde 1947, não se cumpre a vontade daquela senhora, não se compreendendo a razão por que se não faz nem se dá qualquer explicação ao público. E' claro que o dinheiro está entregue à entidade a quem

Sexta — 4, Abril

Mousinho da Silveira

Morre, em 1849, Mousinho da Silveira. Em nosso meio, e tempo, em que só o simples conserva ainda a claridade do raciocínio, pois o letrado o deixou obscurecer pelo preconceitualismo da sua própria instrução, este nome é logo suspeito de jacobinismo, demagogia, se não mesmo até de bolchevismo. Andam assim as coisas. Todavia, Mousinho da Silveira merece aos portugueses a consideração de haver sido um dos seus mais notáveis estadistas. As suas leis memoráveis, a que se deve a transformação da sociedade portuguesa, elevando-a ao nível dos outros povos europeus no estado político a que haviam evoluído, não são apenas a realização legal de um programa político: a sua acção é mais profunda, pois elas se destinam, sobretudo, a elevar o homem à sua consciência de elemento vivo da sociedade humana.

Não se terá conhecimento exacto, preciso, documentado, do que foi, na verdade, esse grande e notável período da evolução portuguesa, sem a leitura atenta, e, aliás, tão curiosa como instrutiva, dos relatórios e leis, elaborados pelo grande Mousinho da Silveira. Mais do que ninguém ele encarnou o estado de alma daquele tempo. Nele se encarnou a hora do nosso destino humano. Absorveu-se na tarefa, talvez muitas vezes solitário e incompreendido. Não importava. Ele bem sabia o que queria, para onde ia, e que, cedo ou tarde, a semente havia de germinar. E queiram ou não queiram germinou. Muito do que somos, hoje ainda, o devemos socialmente, à sua obra.

*

Domingo — 6, Abril

Major Miguel Alves Ferreira

Na minha Agenda de Algi-beira está apontado o seu aniversário. Quero estreitá-lo num abraço até sentir o coração bater de encontro ao coração. Este, sim: um verdadeiro democrata, ele que é português de lei, um autêntico português da velha grei. Passou a vida, nobremente, corajoso e devotado, simples e forte, em arriscado combate de rosto a rosto pelo seu ideal — uma Pátria, a nossa, limpa de consciência e caracterizadamente humana no processo político, e pela mesma Pátria quando Portugal teve de envolver-se e tomar parte na

competem promover a realização daquelas solenidades e a soma vai além de TREZE MIL ESCUDOS, importância esta que já daria para alguma coisa. Com aquela quantia e com boa vontade e não desperdiçando colaboração que facilmente se poderia conseguir, as solenidades da Semana Santa, que se fizeram sem haver qualquer legado, nos tempos de Mons. João Ribeiro e do Rev. Padre Magro — Arciprestes de saudosa memória — teriam de novo realização, numa terra de tantos sentimentos religiosos e que ama as tradições.

Vária Uma Carta

Do Vereador sr. António

Faria Martins sobre o problema do Trânsito

Recebemos a seguinte carta do nosso prezado amigo sr. António Faria Martins:

Meu caro Director

Para esclarecimento do autor e leitores da local publicada no último número do «Notícias de Guimarães» sob o título Regulamento de Trânsito, muito lhe agradeço a publicação do seguinte:

Não cabe à Câmara a mínima culpa de não estar ainda em vigor a Postura de Trânsito de que fui autor. Aprovada esta pela Câmara em Maio do ano passado, havia que dar cumprimento ao disposto no § 1.º do n.º 10 do artigo 55.º do Código Administrativo, que diz carecerem de aprovação do Ministério das Comunicações as posturas e regulamentos relativos ao trânsito na via pública. Remetida a proposta àquele departamento do Estado, fez ela por três vezes a viagem entre Lisboa e Guimarães para lhe serem introduzidas e limadas alterações, com algumas das quais a Câmara não concordara por melhor conhecer as necessidades do trânsito nesta cidade.

Terminadas as divergências suscitadas, foi a postura finalmente aprovada superiormente, aguardando-se agora a sua publicação no «Diário do Governo», sem o que a Câmara não pode pô-la em execução. Se isso tem demorado, não cabe, como se vê, a menor culpa à Câmara, que ainda há menos de um mês oficiou para Lisboa instando por aquela publicação.

Como vê, não há «encoberto pensamento», cujo significado não atinjo, nem a «administração municipal tem por único objectivo fazer adormecer no fundo das gavetas as propostas que, em sessão, são apresentadas».

Esta, a do trânsito, aguarda a libertação das peias burocráticas para entrar em execução. Outra, a da demolição dos ex-futuros Paços do Concelho, só espera que se ultimem diligências em curso para que as pedras que vão ser apeadas sigam directamente para as construções a que se destinam, como estava no espirito da proposta.

Como sempre, seu amigo e admirador

A. Faria Martins.

Pevidém, 24-52.

primeira Grande Guerra, em que tanto honrou, como seu filho o glorioso nome do exército nacional.

Em Miguel Ferreira predominam duas qualidades notáveis, cada vez mais raras e que muito mais raramente ainda se conciliam por forma tão equitativamente perfeita — a firmeza de princípios, assente numa raciocinada convicção, e o amplo, estuante e sempre vivo sentimento compreensivo de solidariedade humana, em que não há que distinguir o amigo do adversário. Se uma avulta a força do carácter, a outra marca indelével a nobilíssima excelência do coração.

Bem fazer — foi o seu lema, a sua vida: e bem fazer, no tempo em que a vida nos decorreu, é um calvário de fadigas e de suplicios. Hoje, a bondade toina-se por loucura, a ideia é suspeita de criminosa. Já se não usa ser simples, coerente, dedicado e bom. Homens como o Miguel já não são do nosso tempo. Mas são da história, que é, afinal, a História da Vida humana.

Hora de Verão

Com o adiantamento de 60 minutos aos relógios, começou a vigorar às 2 horas da madrugada de hoje a Hora de Verão.

JOAQUIM DO VALE.

O MESTRE ENTALHADOR A propósito das Naves da Igreja de S. Francisco

Morreu Luís Garcia. Coisa vulgar, morrer alguém. Todos os dias nascem e morrem criaturas.

Trivial banalidade. Demais, quem reparou no artifice marceneiro?

Viveu, é certo, uma larga vida. Oitenta e quatro anos já é viver.

Sim, mas quem era? Que sucessos, que obras, que renome deixou de si?

Pouco se sabe da sua larga passagem pela Terra.

O seu nome não andava citado nas gazetas.

Era, por assim dizer, um anónimo. Confundia-se. Não tinha história.

Quis, porém, a minha simpatia reparar neste artifice, agora que o levaram a enterrar.

Quando se proclama que a morte é o olvido, o esquecimento, é fazer o seu renascimento — por um momento, sequer.

E' que faz-me bem, compraz-se o meu amor de justiça em soerguer quem, como Luís Garcia, não foi para ai um... qualquer.

Na verdade, o artifice marceneiro teve destaque no âmbito dos da sua profissão, como entalhador.

Perito no manejo da goiva e na interpretação dos estilos, deu vida a muitos móveis esculpidos, ruídos pelo caruncho.

Neste meritório género de trabalho, reintegrando e restaurando mobiliário antigo, Luís Garcia era — mestre. Os bricabraquistas da terra tinham-no ao seu serviço.

Luís Garcia tinha da Honra justo preito.

Conto, a propósito: Certo maioral da terra fazendo mau uso da força, deu uma bofetada, em plena oficina, no chefe de Luís Garcia.

Este, presto, lançando mão de um sarrafo, lanhou ao verde o agressor.

Outro que não ele, acomodou-se a *lá se avendam* dos viderinhos.

Um dia desapareceu de cá. Que seria feito dele?

Anos volvidos, estando eu a presenciar um cortejo na Praça do Rocio, na capital, deparei com o meu conterrâneo.

Viemos à fala.

Então ele me contou, como havia ido para Santarém. Na tarefa de reintegrar móveis envelhecidos, nas moradias de uma fidalga *santarena*, se demorou.

E como Luís Garcia juntasse às suas qualidades de artista consciencioso predicados de homem educado e honesto, compreende-se que a fidalga o estimasse, pagando-lhe bom salário e dando-lhe lugar à mesa dos seus domésticos servidores.

Simplesmente um sentimento saudosista o minava.

Como minhoto de boa cepa, a paisagem aguada e rasa do ribatejo não o prendia.

Depois, sentindo-se longe da família, afastado dos amigos, sem recordações novas a contrapor às antigas, tudo nele — a própria idade — o chamavam à terra onde nasceu.

Para mais, Luís Garcia, embora fosse um apagado, certo era que foi na geração pretérita *alguém*. O meio operário teve-o como um dos seus organizadores.

Aquecido ao fogo de um ideal de resgate, Luís Garcia foi — socialista. O que equívale a dizer-se: foi um suspeito.

De grenha farta e olhar azul, a sua palavra era a de um orador fluente, atractivo.

Não me orgulhara a faúlha do seu verbo no conhecimento integral da doutrina; nem isso

era, então, preciso para agitar as massas. Acabrunhadas as classes obreiras por um trabalho sem horário, aporriçadas por um baixo nível de vida, fácil era arrastá-las para a greve, para a revolta, aos gritos de — abaixo a tirania!

E Luís Garcia apostolizava o seu credo de política social com sinceridade! Fosse o Capital mais humano com o trabalho, e o apóstolo cederia. Era quanto bastava para este homem de coração.

Não sabem os novos de hoje quem foi, há meio século atrás, Luís Garcia.

Recordo-me da sua acção social. Por sua iniciativa fundou dois núcleos de cultura popular: — o «Centro Operário Sarmentino» e o «Grémio Liberal de Instrução e Caridade».

Estas iniciativas não lograram longa existência. Tudo fosforescências de um espírito moço, inclinado e devotado a causas nobres.

Se este e outros empreendimentos não vingavam, lançados no meio operário, a culpa não era de Luís Garcia. Por ele não quebrava.

Notável e perseverante testemunho do seu bem-querer à grei, dava-o Luís Garcia adentro da corporação dos Bombeiros Voluntários. A sua folha de serviços naquela corporação impunha-o à admiração dos seus comandantes e camaradas.

Correspondendo a este apego, a instituição humanitária preiteou-o na sua hora final. Póstuma homenagem que bem mereceu Luís Garcia. Pertencia a uma velha geração de bombeiros, os mais abnegados e fiéis.

Mestre Luís Garcia, o entalhador perito, soube viver. Não alcançou pecúnia. Ganhou, sóbria e honradamente, o pão-nosso de cada dia.

Se alguma ambição entrou consigo, toda se desvanecera ao fazer o seu exame de consciência na hora de morrer: é que, como membro da sociedade vimezanense, deixou aos seus concidadãos o nobre exemplo da sua dignidade.

Os operários de Guimarães podem orgulhar-se de o haverem tido como companheiro nas lides do trabalho e da associação.

Filho da grei — oriundo pelo lado paterno de um obreiro do «reino da Galiza» — tinha uma conduta irrepreensível, com que muito se desvaneciam sua irmã e sobrinhas, em cujo seio familiar viveu.

Ao bom, ao humilde, ao probo mestre Luís Garcia, presto minha homenagem de saudade.

A. L. DE CARVALHO.

O 49.º Aniversário da Banda dos Guises

A reputada Banda dos Guises, festejou, no domingo, o seu 49.º aniversário, não tendo podido realizar o seu anunciado concerto no Jardim Público, por motivo do mau tempo. A mesma circunstância impediu que aquele magnífico agrupamento artístico, tão merecedor da viva simpatia que os vimezanenses lhe consagram, apresentasse os seus costumes e anunciados cumprimentos às Autoridades e Imprensa.

Naquele dia e no decorrer de uma singela sessão solene, que se realizou no salão nobre dos B. V. de Guimarães, foi colocado no estandarte do excelente conjunto musical um vistoso laço oferecido pela Sociedade Filarmónica «1.º de Dezembro», de Montijo. Procedeu à cerimónia a menina Maria Margarida Abreu Antunes, filha do sr. dr. Jorge da Costa Antunes.

Algumas palavras, proferidas com entusiasmo e emoção, vincaram o alto significado de solidariedade da valiosa dádiva.

Antes da cerimónia e no templo de S. Francisco, com a assistência dos componentes da Banda e de outros membros da Sociedade Fi-

Recebemos do distinto Escultor sr. António de Azevedo uma carta, com pedido de publicação, suscitada por um artigo do nosso ilustre colaborador sr. A. L. de Carvalho. Como é óbvio essa carta só seria publicada depois de o nosso colaborador ter conhecimento dela — dentro das normas da lealdade usada para um colaborador, o qual é, no presente caso, o prestimoso vimezanense sr. A. L. de Carvalho, a quem demos conhecimento do conteúdo do referido documento:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»

A propósito do que o meu Amigo A. L. de Carvalho publicou sobre as naves da igreja de S. Francisco, desta cidade, num artigo intitulado *Sermão memorável*, venho rogar a V. ... se digno publicar o que sobre o mesmo assunto tenho escrito numa chamada à margem do meu estudo, a publicar, sobre a mesma igreja e que junto envio. Antecipadamente grato

António de Azevedo.

Guimarães, 3-4-1932.

(*) — Como o ilustre publicista A. L. de Carvalho tenha citado nos «Mestres de Guimarães», vol. VII, pag. 96, uma passagem do contrato para obras a fazer na igreja de S. Francisco, em 1746, pelo empreiteiro José da Silva Maots, referente à demolição das três naves que teve na sua traça primitiva, e que é

«De sorte que fique uma só e não três».

procuramos indagar a razão de tal contradição, que logo atribuímos a qualquer lapso, ou mais seguramente a um naturalíssimo erro de interpretação de quem não tenha os suficientes conhecimentos de arqueologia artística, e que talvez fosse possível desfazer — como foi, aliás. E alguma coisa se lucrou com a investigação feita para a história dos ultrajes arquitectónicos que, desde o seu início até aos nossos dias, esta infeliz igreja tem suportado, pois ficamos a saber que as três naves a que o documento parece referir-se, não são mais nem menos que os três arcos cruzados que terminavam as naves no transepto ou cruzado e a cuja demolição se alude no contrato de 1748 (e não 1746) para construir um arco (no lugar dos três), que é o que hoje lá vemos. Foi a confusão de naves com arcos que deu esta embrulhada toda.

Para se chegar a esta conclusão foi preciso confrontar o termo do contrato com o que, sobre a igreja, dizem o P.º Torcato de Azevedo em 1692 e o P.º António Carvalho em 1706. Ambos eles descrevem o coro actual, dizendo o P.º Torcato que

«E' esta igreja atravessada com três arcos de pedra grandes que lhe formam o cruzado».

E quer um quer outro, assinalam bem a existência das três naves nas igrejas de S. Domingos e de Nossa Senhora da Oliveira. Se as três naves existissem em S. Francisco, não se esqueceriam de as mencionar como mencionaram as outras.

Foram, pois, esses três arcos cruzados que o tal José da Silva Matos demoliu para construir um (e não uma como A. L. de Carvalho cita nos «Mestres de Guimarães», mas um, como agora cita no «Notícias de Guimarães») só,

larmónica Vimezanense, a que a mesma pertence, foi rezada missa por alma dos componentes, sócios e benfeitores falecidos,

que é o que lá está presentemente.

As naves foram demolidas nos fins do século XV ou princípios de XVI, que foi a data em que as nossas igrejas começaram a ter o chamado *coro alto*, para se construir o que hoje lá está e cujo arco é talvez único no nosso país do gótico decadente — precisamente dos fins do século XV. Este arco não podia ser construído sem serem demolidas as naves, razão por que não precisamos ler nenhum documento para sabermos que elas foram demolidas nessa época. O que se apurou agora é que os arcos cruzados ainda existiam em 1748.

De resto, o «instrumento da obrigação da obra das naves», que vimos, feito em 1 de Dezembro de 1748, apenas se refere à «obra das naves» e não especifica se era uma, duas ou três.

A cópia deste documento foi-nos gentilmente cedida pelo sr. Casimiro Martins Fernandes. Julgamos que é a ele que A. L. de Carvalho se reporta, mas se não é, dá na mesma o que acima fica dito, visto o empreiteiro ser o mesmo José da Silva Matos, de S. João de Areias, Vilar de Frades, concelho de Barcelos.

Quadrilha de gatunos

Conforme noticiámos no último número do nosso jornal, a secção da G. N. R. desta cidade não se tem poupado a esforços para limpar a região limítrofe dos concelhos de Guimarães, Felgueiras e Pafe de uma verdadeira quadrilha de salteadores que, de há muito, vinha efectuando as suas façanhas nas freguesias de Cerzedo, Calvos, Gémeos, Vila Fria, Arões, Fareja, etc. Não tinham descanso os galinheiros, celeiros, hortas, carnes de fumeiro, roupas, ferramentas e aperiças de lavoura, caldeiros metálicos de alambiques, etc., etc., pois tudo desaparecia na rede dos gatunos, durante as actividades nocturnas da bem organizada quadrilha.

A gente honesta da lavoura e os proprietários residentes na região suspeitavam de vários malandrins que infestam aqueles lugares, ou tinham mesmo a certeza da existência de alguns que por ali andavam à boa vida, sem profissão nem hábitos de trabalho. Mas ninguém se atrevia a dar parte às autoridades, porque todos temiam (ao que parece, os próprios regedores) a vingança desses patifórios, alguns dos quais foram agora presos, como dissemos, que eram frequentadores de tabernas, desordeiros de má índole, geralmente munidos de armas de fogo e capazes de tudo.

De proeza em proeza, e confiados na sua impunidade, atreveram-se ultimamente a roubar, a um pobre lavrador de S. Lourenço de Calvos, uma junta de bois de trabalho, de própria corte onde estavam fechados, tentando vendê-los nesta cidade, para serem levados rapidamente ao matadouro e aí abatidos! Felizmente que a Guarda Republicana interveio com rapidez e a tempo de deitar mão aos autores do roubo, restituindo ao seu dono os bois, que já tinham sido escondidos numa corte para os lados de Creixomil.

E' claro que estes malandrins não operam por si só, pois devem ter intermediários, encobridores, receptadores e compradores dos roubos e até talvez... bons protectores! Enfim, uma vasta rede de ladroeira infreme, cuja meada a Guarda Republicana está empenhada em descobrir completamente, afim de enviar toda a quadrilha ao tribunal, para que esta tenha ali a recompensa do seu atrevido desfaçor, e os povos daquelas freguesias possam, de futuro, dedicar-se com tranquilidade à sua canserosa vida de trabalho.

BENEFICÊNCIA DO «NOTÍCIAS»

Transporte . . .	1.104\$50
Anónimo	50\$00
A transportar . . .	1.154\$50

Contemplamos pessoas e famílias muito necessitadas.

Avuçal no NOTÍCIAS DE GUIMARAES

INQUÉRITO ESCLARECENDO

Continuação da 1.ª página

legalmente deliberadas, documentando-as pelas disponibilidades de outras evidentemente dotadas, é mau sistema, é a desordem, é o caos das contas municipais; se tal se consente ou se adopta como expediente cómodo que dispensa a maçada ou o inconveniente da elaboração de indiscretos orçamentos suplementares, pode nisso não haver, e temos a certeza de que não haverá, se realmente o facto se dá, desonestidade pessoal, mas há o atropelo da lei e da moral administrativa.

Um outro aspecto do mesmo problema é o da observância ou inobservância da disposição legal que manda preferir a empreitada para a execução das obras municipais, precedendo os necessários estudos e orçamentos. E' já de si impreviavelmente exagerado o limite de 50 contos para as obras que podem ser feitas por administração directa; mas, se não há o cuidado de evitar que as obras, cujo importe exceda esse limite, se desdobrem em tantas parcelas de 50 contos quanto as necessárias para prefazer o total, então é que fica a porta aberta para todos os abusos. Seria magnífico, para cortar rente todas as más conjecturas que o inquérito pudesse abranger o estudo minucioso de todas as obras feitas, com ou sem orçamento, por administração directa em todo o concelho, indagando pelos meios adequados se as respectivas folhas de salários correspondem a obras e a pessoal cuja existência de facto se averigues, bem como se o custo provável do que se encontrar feito está em relação com a importância gasta, segundo os documentos respectivos.

E não é só pelo que respeita a obras propriamente ditas que é conveniente inquirir; há também que examinar como se tem cumprido a lei na questão de fornecimentos, como está organizado o serviço de entradas e saídas de materiais, se chegam ao destino que oficialmente lhes é dado e como funcionam os serviços municipalizados da água, principalmente no que respeita a obras na Penha e na captação e canalização do Ave; quais os serviços que prestam os cantoneiros, a distribuição do trabalho pelo pessoal de carteira, de fiscalização e de limpeza, o uso ou abuso que se tem feito das viaturas automóveis da Câmara e quantas coisas mais que a competência e o zelo dos inquiridores suprirá.

O momento é grave; está a decorrer o inquérito e é indispensável, para que a emenda não seja pior que o soneto, que ele se imponha ao respeito geral dos municípios vimezanenses, pela maneira minuciosa e séria como for conduzido.

M.

TEATRO JORDÃO

HOJE, N.º 15 A 21,30 HORAS
APRESENTA
A imortal obra de Offenbach
Os Contos de Hoffmann
(Tecnicolor)
com Robert Raunseville
e Moira Sheaver
Nunca olhos humanos viram maior prodígio de fascinação!!!

TERÇA-FEIRA, 8 -- N.º 21,30 HORAS
Um dos melhores filmes do ano!!!
NÃO HÁ PAZ ENTRE AS OLIVEIRAS
com Raf Vallone, Lúcia Bossi
e Folco Lulli
Um filme monumental de emoção e grandeza!
SÁBADO, 12 -- N.º 21,30 HORAS
Em Sessão Popular
O FANTASMA DA MÁSCARA NEGRA

«O Primeiro de Janeiro», em correspondência desta cidade, datada de 31 do mês findo, publicou a seguinte notícia:

«Acto de generosidade

O architecto e professor da Escola de Belas Artes do Porto, sr. José António de Sequeira Braga, realizou para a Câmara Municipal de Guimarães, gratuitamente, o que nunca aconteceu nesta cidade, o projecto de renovação do Largo de João Franco, colocando-o nos termos de uma verdadeira realização moderna.

A Câmara Municipal, perante este generoso acto, agradeceu-o, reconhecida.»

Não está certa a notícia. Porquanto:

Já aconteceu nesta cidade um acto de generosidade semelhante, senão de maior vulto.

Foi em 1930. O escultor António de Azevedo, que não é nosso natural, elaborou não só a reforma do jardim do Carmo (Largo Martins Sarmento), como dirigiu a execução da referida obra na parte respeitante ao terreno e sua jardinagem.

Ao termo deste seu trabalho, o referido escultor não apresentou conta dos seus honorários.

Como à época eu estava no exercício do Pelouro das Obras Municipais, na qualidade de Vereador, cumpre-me a obrigação moral de citar o facto, tanto mais que o trabalho do ilustre artista igualmente se pode considerar «uma verdadeira realização moderna».

E não é caso único. Em 1911, a Vereação tomou a iniciativa de transferir o Jardim Público para o largo onde actualmente se encontra. Deste trabalho encarregou-se José Ribeiro de Freitas. Tanto o projecto como a administração da obra, foram gratuitos.

E que soma enorme de trabalho foi desenvolvida nesta apreciável mudança e arranjo do Jardim!

Com vista ao sr. correspondente de *O Primeiro de Janeiro*.

A. L. DE CARVALHO.

Espectáculo a favor do Asilo de Santa Estefânia

A Empresa do Teatro Jordão não esquecendo nunca a sua obra de bem fazer a favor do Asilo de Santa Estefânia — prestamosa Instituição que o fundador da mesma Empresa, o saudoso Bernardino Jordão sempre amparou e protegeu — vai dedicar-lhe mais um espectáculo cinematográfico, para que com o produto do mesmo as meninas do Asilo possam ter uma Páscoa mais alegre. E' sem dúvida mais um acto de generosidade a juntar a muitos outros praticados pela Empresa a favor do Asilo, e que muito a dignifica.

O filme a exhibir, na próxima quarta-feira, é uma verdadeira obra prima do cinema italiano, sendo considerado o mais caro produzido em todos os tempos na Europa. Intitula-se *Fabola* e nele se pode admirar a vida heroica e mártir dos primeiros cristãos de Roma, até à vitória de Constantino, o Imperador que se converteu à nova Fé.

Para que o gesto altruista da Empresa do Teatro atinja o seu verdadeiro fim, necessário se torna a colaboração dos vimezanenses, os quais não deverão deixar ficar vago um único lugar no Teatro.

Não sendo possível, por motivo de força maior, a Direcção do Asilo fazer a passagem dos bilhetes para o espectáculo, comunica-se que os mesmos se encontram desde já à venda na bilheteira do Teatro.

COMEMORAÇÃO DO 9 DE ABRIL

A Direcção da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra nesta cidade, manda rezar uma missa, no dia 9, às 10 horas, no templo de N. S.ª da Oliveira, por alma dos Combatentes que perde-

FUTEBOL

Desafio fácil para os vimaranenses

VITÓRIA, 4. ORIENTAL, 2.

As equipas alinharam:

Vitória: — Carlos; Lourenço e Vieira; Matias, Costa e Rebelo; Nuno, Lara, Teixeira, Franklim e Alcino.

Oriental: — Vieira; Morais e Capelo; Isidoro, Alfredo e Alvarinho; Almeida, Leitão, França, Eleutério e Frederico.

Árbitro: — Libertino Domingues, de Setúbal.

1.ª parte: Aos 2 m., 1-0, por Lara; aos 12 m., 2-0, por Nuno; aos 17 m., 2-1, por Eleutério; aos 29 m., 3-1, por Alcino.

2.ª parte: Aos 16 m., 4-1, por Nuno e 4-2 aos 40 m., por França.

Jogou-se no transacto do domingo o último encontro do campeonato que decorre e hoje finda, realizado na Amora, tendo o nosso conjunto defrontado o Oriental, clube que pela primeira vez no citado campo actuou.

A partida terminou com o convincente resultado 4-2 a favor dos vimaranenses, que tiveram oportunidade de elevar o marcador a uma diferença mais notória, pois o seu trabalho, ante uma equipe onde os valores rareiam, foi de molde a justificar plenamente o triunfo.

O jogo sem ter tido emoção, agradou e prendeu pela marcação dos tentos, atractivo que em encontros realizados entre nós não é frequente.

Os orientalistas deram boa colaboração ao espectáculo, mostrando-se animosos e reagindo o melhor que puderam, lutando pela conquista de um resultado que, pela crítica posição em que se encontram na tabela da classificação geral, seria salvador. E louvem-se as suas pretensões para alcançar esse fim.

Porém, a disposição dos locais, com dois bons golos nos iniciais 12 m., foi rude golpe nas suas aspirações. Contudo ainda no primeiro tempo os lisboetas conseguiram reduzir a diferença para 2-1, e os vimaranenses marcando mais um tento fizeram 3-1 na primeira parte. No recomeço, a marcação de novo tento dos vimaranenses pôs praticamente termo à partida, não influiu nela a obtenção do 2.º tento dos orientalistas.

O Oriental revelou-se uma equipe bastante frágil. A defesa bate mal a bola e só Morais se mostrou eficiente. Os médios, com mais preocupações defensivas do que atacantes, só a espaços apoiavam devidamente a linha dianteira, se bem que o interior da equipe Eleutério, que jogou a médio depois de Alvarinho se ter magoada, tivesse feito uma boa partida. A linha da frente movimentou-se com ligação, mas não possui afoiteza que a imponha. No conjunto, o Oriental foi a equipe que mais modesta se mostrou e onde os valores mais rareiam de todas as que nos visitaram esta época.

O Vitória esteve numa tarde inspirada e actuou numa velocidade que os antagonistas não puderam acompanhar. A equipe movimentou-se com ligação perfeita entre todos os sectores, delineando jogadas com precisão e fazendo a bola rolar rente ao solo, em passes certos. Contudo, depois da saída de Rebelo do terreno, por ter fracturado uma clavícula, o encontro decorreu com mais equilíbrio, verificando-se o quanto influi no rendimento da equipe esse esplêndido jogador. A defesa

ram a vida durante a Grande Guerra, tendo convidado as entidades oficiais e o público em geral a assistirem ao piedoso acto.

Segundo nos informa a mesma Sub-Agência, a venda do capacete-miniatura vai efectuar-se no concelho nos dias 9, 10, 11 e 14 do corrente.

esteve incerta em alguns lances, dando bastante liberdade aos atacantes contrários.

Os médios apoiaram bem os dianteiros, dando jogo jogável aos atacantes. Na frente, Franklim deu seguimento a todo o jogo que recebeu e revela-se cada vez mais o interior de que necessitávamos, orientando a infiltração no sector da defesa contrária e criando lances de perigo para as balizas adversárias. Precisa, contudo, de procurar com mais insistência o esférico e acompanhar mais rapidamente o desenvolver das jogadas.

O jogo sem ter tido emoção, agradou e prendeu pela marcação dos tentos, atractivo que em encontros realizados entre nós não é frequente.

Os orientalistas deram boa colaboração ao espectáculo, mostrando-se animosos e reagindo o melhor que puderam, lutando pela conquista de um resultado que, pela crítica posição em que se encontram na tabela da classificação geral, seria salvador. E louvem-se as suas pretensões para alcançar esse fim.

Porém, a disposição dos locais, com dois bons golos nos iniciais 12 m., foi rude golpe nas suas aspirações. Contudo ainda no primeiro tempo os lisboetas conseguiram reduzir a diferença para 2-1, e os vimaranenses marcando mais um tento fizeram 3-1 na primeira parte. No recomeço, a marcação de novo tento dos vimaranenses pôs praticamente termo à partida, não influiu nela a obtenção do 2.º tento dos orientalistas.

O Oriental revelou-se uma equipe bastante frágil. A defesa bate mal a bola e só Morais se mostrou eficiente. Os médios, com mais preocupações defensivas do que atacantes, só a espaços apoiavam devidamente a linha dianteira, se bem que o interior da equipe Eleutério, que jogou a médio depois de Alvarinho se ter magoada, tivesse feito uma boa partida. A linha da frente movimentou-se com ligação, mas não possui afoiteza que a imponha. No conjunto, o Oriental foi a equipe que mais modesta se mostrou e onde os valores mais rareiam de todas as que nos visitaram esta época.

O Vitória esteve numa tarde inspirada e actuou numa velocidade que os antagonistas não puderam acompanhar. A equipe movimentou-se com ligação perfeita entre todos os sectores, delineando jogadas com precisão e fazendo a bola rolar rente ao solo, em passes certos. Contudo, depois da saída de Rebelo do terreno, por ter fracturado uma clavícula, o encontro decorreu com mais equilíbrio, verificando-se o quanto influi no rendimento da equipe esse esplêndido jogador. A defesa

Herländer.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça, à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 7, o nosso bom amigo sr. **Opídio Varela de Abreu Almeida**; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. **Augusto Pinto Lisboa**, importante industrial no **Pevidém e Francisco Gonçalves da Cunha**, estimado proprietário em **Sande**; no dia 9, sr. **D. Brígida de Jesus Gonçalves**, hábil modista local, esposa do nosso bom amigo sr. **Abílio Gonçalves**; no dia 10, a menina **Maria Ondina Lopes de Sousa Pires**, filha do nosso bom amigo sr. **Henrique Pires** e o nosso bom amigo e estimado proprietário de **Briteiros**, sr. **Manuel Ribeiro**; no dia 12, o nosso bom amigo sr. **Manuel Faria de Almeida**, de **Riba d'Ave**; no dia 13, o nosso bom amigo sr. **António Pereira de Freitas Cosme**.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Com sua esposa regressou de Madrid o nosso prezado amigo sr. **António José Pereira Rodrigues**.

— Com sua esposa regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. **Bráulio Teixeira Carneiro**.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e ilustre delegado dos Serviços de Censura em Braga sr. **Tenente António Coelho**, a quem cumprimentamos.

— Também cumprimentamos nesta cidade o nosso querido amigo sr. **Dr. António Paúl**, do Porto.

— De visita a sua família e acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. **Alfredo Teixeira de Carvalho Barbosa**, comerciante em Amarante.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. **Manuel Joaquim Pinto**, de Felgueiras.

— Com sua família encontra-se na sua casa de S. Caetano, Campelos, o nosso prezado amigo sr. **Dr. Fernando de Matos Chaves**, a quem agradecemos os cumprimentos que teve a gentileza de nos apresentar.

Doentes

Encontra-se em tratamento no Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, o nosso prezado amigo sr. **António Lage Jordão**, a quem desejamos breve restabelecimento.

— Já se encontra restabelecido o nosso prezado amigo sr. **Manuel Gomes de Oliveira**.

— A fim de entrar em convalescência deve regressar a Guimarães na próxima semana, o nosso prezado amigo sr. **Lúcio António de Carvalho**, proprietário do Café Oriental, que ainda se encontra internado na Ordem do Carmo, no Porto, onde foi operado.

— Em quarto particular do Hospital da Misericórdia tem estado doente o rev. dr. **João Luís Caldas**.

— Esteve bastante doente mas já se encontra melhor a sr. **D. Maria Aurora Soares Ribeiro Carneiro**, esposa do nosso bom amigo sr. **Abílio Alfredo de Almeida Carneiro**.

Aos doentes desejamos breve e completo restabelecimento.

Baptizado

Na Igreja paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, baptizou-se um filhinho da sr. **D. Maria Isabel Mota da Ceixa Neves Mateiro** e do sr. **Joaquim de Oliveira Mateiro**, que recebeu o nome de **José Joaquim**.

Foram padrinhos o nosso prezado amigo sr. **José Mendes Ribeiro Júnior** e sua esposa a sr. **D. Alexandrina Teixeira de Aguiar Ribeiro**.

ANTIGA CASA PATRÍCIO

DE

José Fernandes Martins & C.ª, L.ª

TELEFONE 4330 — TOURAL

Depositários do Pão de Ló de Margaride de Leonor Rosa da Silva, Sucr.

Participam aos seus Ex.ªs Clientes que todos os dias recebem o delicioso Pão de Ló de Margaride, e que estão ao seu dispor para o despachar para qualquer parte do País. 143

CASAMENTO

Rectifica-se, com o pedido de muita desculpa, que na notícia publicada no dia 23 de Março, do auspicioso enlace do nosso prezado conterrâneo sr. Eng. José Manuel da Silva Carvalho com a gentil sr.ª **D. Maria da Felicidade Viante da Silveira Figueira de Sousa**, saiu errado, devido a um lamentável lapso, o nome do pai do noivo, o nosso respeitável amigo e importante industrial sr. **Amadeu da Costa Carvalho**, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Vida Católica

Domingo de Ramos. Missa própria sem **Glória**, única oração, **Paixão**, **Credo**. Prefácio da Cruz, último Evangelho **In principio** (Se não se benzer os ramos, último Evangelho **Cun Oppropin quasset**).

Paramentos de cor roxa.

A Festividade em honra de N. Senhora das Dores

Realizou-se anteontem, no majestoso templo da Ordem de S. Francisco, que estava luxuosamente decorado pelo armador sr. **João Augusto Passos**, a imponente solenidade em honra de Nossa Senhora das Dores, que reuniu naquele templo, na altura das cerimónias e durante todo o dia, numa romagem de fé e de amor filial, milhares de fiéis, que foram depor aos pés da Virgem as suas preces e as suas súplicas.

O Trono, onde estava a formosa imagem de Nossa Senhora das Dores, com seu Filho no regaço e junto à Cruz da Redenção, resplandecia de luz e via-se adornado por lindíssimas flores e plantas e muitas pratas.

As Solenidades começaram pela Missa Solene, às 11 horas e prosseguiram à tarde, às 21, com o sermão, que foi pregado pelo Rev. Dr. Francisco da Silva, ilustrado Cónego da Sé de Évora e talentoso orador sacro.

O tema do sermão foi o texto da liturgia da festa «Stabat Mater Dolorosa juxta crucem...» do qual reproduzimos o exórdio.

Fixemos o quadro. Pendente da cruz o «vie dolorum» do Profeta. Da planta dos pés ao mais alto da cabeça uma chaga viva. Nem mesmo tem já a aparência de homem...

Junto à cruz, de pé, a Mãe! No seu coração a espelharem-se, numa só chaga, todas as chagas de Jesus! O manto que a envolve, a princípio, foi de azul celeste; quando abrigado numa das suas dobras e reclinado em frouxel de ternura apresentou ao mundo a mancha clara do Redentor por entre a penumbra da colunata do Templo.

Agora é de tonalidade triste: tem o roxo da amargura, tem o purpúreo do sangue. Os lábios da Virgem já não pronunciam palavras de som agudo; mas percebe-se que enunciam grande arroubo místico. Se os Anjos tornassem audível o queia Senhora, de olhos cravados na cruz, ainda balbucia, a que grandioso ofertório não teríamos a glória de assistir!

Passara, havia pouco, o centurião levando na ponta da lança a sentença de Morte de Jesus: era o farol de uma libertação. A Virgem fixa-se a pensar no **Jesus Nasareus Rex Judaeorum**. E passamos-lhe pelo espírito as dores das 7 espadas, desde as agruras de S. José até à crucifixão do seu Filho, e cafu em êxtase místico a orar «Jesus eu vos amo».

Então o orador, como que lendo em livro tirado do fogo da cruz sobre o qual havia caído o sangue de Cristo, apresenta a explicação cristã do sofrimento dos pecadores, do sofrimento dos inocentes e, em última página, do sofrimento de compensação em que os justos — principalmente Cristo e Sua Mãe — pagam pelos pecados da humanidade. Cita casos e exemplos de actualidade candente, e, como remate, considera a Virgem no alto do Calvário na sua missão de sacerdotisa a oferecer ao Eterno Pai a vida e a morte do seu Jesus, as lágrimas das suas próprias amarguras e as das almas que, compassivamente, naquele momento e no futuro a ela se associaram ou haviam de associar-se.

Após a magistral oração e depois de cantado o **Stabat Mater** pelo Grupo Coral de Vizela que, sob a regência do Rev. P.ª José Monteiro, abrilhantou as solenidades, foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento, assim terminando aquela solenidade que é, incontestavelmente, a maior que se realiza anualmente nos templos vimaranenses. Durante os actos religiosos e em lugares reservados, na capela-mor, viam-se além da Mesa da Ordem Terceira de S. Francisco, da digna presidência do sr. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, os representantes de outras Corporações Religiosas, Autoridades, Corporações Económicas, Culturais e Beneficentes, etc.

No transepto, junto do Trono da Virgem, era elevado o número de

senhoras que, vestindo na sua maior parte de luto, assistiram aos actos.

Presidiu às Solenidades o Rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, Prior de S. Sebastião, acolitado pelos Rev. António Costa Guimarães e António Alberto Ribeiro, servindo de Mestre de cerimónias o Rev. Gaspar Nunes.

Procissão do Senhor dos Passos

Por motivo do mau tempo que esteve no domingo passado, não pôde efectuar-se a majestosa Procissão de Passos que nesse dia deveria atravessar as ruas da cidade e que ficou transferida para hoje.

Assim e se o tempo o permitir, sairá pelas 17 horas de hoje, do templo dos Santos Passos, a Procissão, que será presidida por uma alta dignidade eclesiástica.

A visita de um Prelado Japonês

Visitou esta cidade, acompanhado pelo Rev. Georg Lutterbeck, Procurador dos Padres da Companhia de Jesus no Japão e outros sacerdotes, o Prelado Japonês Monsenhor Oghara, de Hiroshima, que durante a semana finda andou a percorrer a Arquidiocese de Braga, realizando interessantes conferências sobre aspectos de cultura do Japão e fazendo preces pela sua Pátria.

Monsenhor Oghara, que visitou os nossos templos, museus e monumentos, que muito admirou, foi cumprimentado por diversas individualidades.

Na quinta-feira, o ilustrado Administrador Apostólico do Japão assistiu, no templo da Colegiada, às 21 horas, a uma Adoração Solene, durante a qual falou aos católicos vimaranenses. No final foi feito um pedidório para as Missões.

Na sexta-feira de manhã S. Ex.ª Rev.ª celebrou missa no mesmo templo, perante a assistência de muitos fiéis.

Comunhão Pascal Colectiva dos Doentes do Hospital

No pretérito domingo realizou-se, com toda a solenidade e na forma dos anos anteriores, a Comunhão Pascal colectiva dos doentes internados no Hospital Geral de Santo António e dos velhinhos que se encontram nos Azilos a cargo da Santa Casa da Misericórdia, acto a que presidiu o muito digno capelão Rev. P.ª José Fernandes Ribeiro, assistindo a Mesa Administrativa, a que distintamente preside o prof. sr. Mário de Sousa Meneses, as Irmãs Hospitalares e outras pessoas.

Falec. e Sufrágios

D. Maria Arminda da Cunha Fernandes

Após cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos, finou-se na segunda-feira, na casa de seus pais, no lugar da Ponte de Selho, em S. Lourenço de Selho, esta bondosa senhora, que contava apenas 21 anos de idade e era dotada de acrisoladas virtudes.

A extinta era filha do estimado proprietário sr. Manuel Fernandes e de sua esposa a sr.ª **D. Maria Henriqueta da Cunha Fernandes**, a quem apresentamos sentidas condolências.

O seu funeral que esteve muito concorrido realizou-se no dia 1 na paroquial daquela freguesia.

Fumadeiras

Última palavra. Buttner a fumadeira automática de ponta dourada, com filtro sem fim. Preço 60\$00.

Vende: **Pedro da Silva Freitas «Chafarica»**, 102 11, Rua de Santo António, 13 Telefone: 4221 GUIMARÃES

Braga & Carvalho, Sucr.

TELEFONE, 4126

TOURAL

Informa que a partir do dia 8 de Abril recebe quento o afamado **Pão de Ló de Margaride** de Leonor Rosa da Silva, esperando ordem dos seus Ex.ªs Clientes para despachar para qualquer ponto do País. Encontra-se neste estabelecimento grande sortido de amêndoas, caixas de fantasia, rebuçados, bombons, licores e champanhes das famosas marcas da **RAPOSEIRA** e **R. C. VINÍCOLA**. 141

Notícias de Guimarães n.º 1055-6-4-1952



COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

Arrematação

1.ª publicação

No dia 19 de Abril próximo, pelas 11 horas, no tribunal judicial desta comarca, vão à praça, a fim de serem arrematados pelos maiores preços oferecidos acima dos seus valores materiais, os imobiliários adiante mencionados, penhorados na execução hipotecária com processo ordinário que **Adélio Ribeiro Gonçalves Leite**, casado, comerciante, morador na freguesia de Serzedelo, desta comarca, move contra **Francisco Gonçalves** e esposa **Emília de Jesus Fontes**, proprietários, moradores no lugar do Alto, freguesia de Azurém, desta mesma comarca:

Primeiro

Prédio rústico, composto de uma terra de lavradio, sita à Leira do Pinheiral, limite da Arcela, freguesia de Azurém, na qual foi construída uma morada de casas de dois andares, tendo um terraço ao lado nascente e uma horta ao lado do norte e uma pequena faixa de terreno ao sul, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 39.770 e que foi desanexado do prédio número 36.163, inscrito na matriz sob o artigo 289, com o valor, porque é posto em praça, de 16.470\$00.

Segundo

Prédio urbano composto de uma casa, no lugar do Cruzeiro, freguesia de Mezão-Frio, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o número 39.250, inscrito na matriz urbana sob o artigo 145, dois terços, com o valor, porque é posto em praça, — de 9.216\$00.

Guimarães, 22 de Março de 1952.

O Jutz de Direito,

Lobo e Silva 100

O Chefe da 2.ª Secção

Alberto Fernandes Carreira.

MERCARIA DA PORTA DA VILA

DE

MIGUEL TEIXEIRA

Participa aos Clientes em geral que agradece as suas estimadas encomendas do afamado Pão de Ló de Leonor Rosa da Silva, Sucr. ao preço da Fábrica, e encarrega-se de despachar para todo o país e estrangeiro. Depositário dos vinhos da Real Vinícola. 101 Espumantes Assis Brasil.

Uma trindade literária

IV

Os da nossa geração conheceram em Guimarães um sacerdote que com raro conhecimento do valor do tempo, não queria perder nem as mais insignificantes parcelas ou migalhas dele. Vê-lo-íeis, por isso, a ler mesmo pelas ruas, a rezar o seu Breviário pelas ruas, a ler em toda a parte sem sombras de respeito humano. Por isso ele entesourava dia a dia, momento a momento, conhecimentos que, somados aos armazenados em mais verdes anos, lhe asseguravam pasmosa erudição e invulgar saber. O nosso amigo G., brilhante colaborador do *Notícias*, deve saber quem era esse valor...

Pois em Braga há algo de semelhante.

Se o amigo leitor lá for um dia e tomar, da parte da manhã, o carro eléctrico do Bom-Jesus, é possível que uma ou outra vez veja, num dos assentos, como que escondido, um sacerdote que não se detém a contemplar a paisagem nem a olhar o casario, que não fala para ninguém senão o estritamente necessário e curial... Que faz, então, esse singular passageiro e freguês assíduo e fiel dos eléctricos? Ou lê, ou escreve: ou melhor, lê e escreve, a corrigir as provas dos seus livros, para que, mal chegue à cidade, possa entregar essas provas aos seus tipógrafos favoritos, o Augusto Costa, e a *Par.* Se não tem provas para corrigir, o Padre Arlindo — aí! que lá traí o segredo! — o Padre Arlindo lê qualquer livro, qualquer jornal ou revista; ocioso é que o curioso leitor não o achará. Como o eruditíssimo G., o nosso passageiro do eléctrico sabe que o tempo é ouro e que *aos longa e vita brevis.*

Sim, aquele que ali vêdes num cantinho, muito só, encobrindo o seu grande valor sob as mais modestas aparências, é o simpático filho de S. Torcato que, chamado por Deus às honras do sacerdócio, tanto tem nobilitado e engrandecido o seu nome, não tanto pelas suas obras literárias, como pelas suas obras e virtudes de sacerdote modelar.

E' sob esta faceta de veras sugestiva e sobremodo simpática que eu mais admiro o ilustre filho de S. Torcato. Ela, sobre todas, me prende e maravilha.

Se eu admiro o Padre Arlindo como professor, como prégador e como literato, sobretudo o admiro como sacerdote. Como tal ele sabe mostrar-se em toda a parte, mesmo nos lugares onde outros se arreceiam e acanham de mostrar que são ministros da Religião Católica. Ele não usa sobrecasaca nem calças com dobra, nem sapatos à moda que deixem ver meias de seda, porque só conhece um modo de vestir: — o hábito falar. Que belo e empolgante exemplo nos dá ele!

E este santo costume de vestir, usa-o ele não só em Braga, mas no Porto, e em qualquer povoação ou aldeia aonde vá exercer o munus da pregação. Para ele o respeito humano é uma frase sem sentido e sem realidade: o bom exemplo é tudo!

Honra lhe seja por isso, e louvores mil!

* * *

Não faltam coisas lindas sobre os hábitos talares. As *Vozes de Petropolis*, consagram-lhe, em 1951, um esplêndido artigo, aliás precedido de outros menos difusos. E quem não tem admirado as soberbas e incomparáveis páginas do eminente Arcebispo-Bispo de Aveiro sobre o sacerdócio, sobre os sacerdotes, sobre a vida e o traje dos

sacerdotes? Que, da banda de lá, as de Mons. Aquino Correia, e outros Prelados brasileiros, também são por demais sugestivas e eloquentes!

Há até um soneto italiano que canta as belezas da batina, e cuja tradução portuguesa eu já publiquei alhures.

Mas que vale a poesia, que valem palavras, por mais eloquentes e lindas que sejam? O que vale é a realidade, como a actua o sr. Padre Arlindo.

E vamos agora a ver o professor e sobretudo o literato.

Continua.

S. A.

Notícias de Guimarães n.º 1055--6-4-1952



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito de Guimarães e 2.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução hipotecária que António Pereira Machado, casado, proprietário, residente na freguesia de Ronfe, desta comarca, move contra a executada Dona Júlia Correia de Azevedo, solteira, maior, proprietária, do lugar da Igreja, freguesia de Castelões, comarca de Vila Nova de Famalicão, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 31 de Março de 1952.

O Chefe da 2.ª Secção

Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 152

Lobo e Silva.

Notícias de Guimarães n.º 1055--6-4-1952



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

Anúncio

1.ª publicação

Por sentença de 20 do corrente mês de Março foi declarada em estado de falência, por apresentação do seu sócio gerente, a firma Ferra & Irmãos, Limitada, sociedade comercial por quotas com sede na rua de Camões, desta cidade de Guimarães, sendo nomeado administrador da falência Artur Fernandes de Freitas, casado, contabilista, desta cidade, e marcando o prazo de 90 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, para a reclamação de créditos.

Guimarães, 24 de Março de 1952.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva 156

O Chefe de secção,

Albino Leite da Silva.

As nossas gentis Leitoras

A CASA JAIME vende finíssimos perfumes, brilhantinas, cremes, rouges e batons. Lindíssimos e encantadores objectos para brinde. Modernas luvas e meias. Prefiram V. Ex.ª nas suas compas a CASA JAIME, ao Tournal. 59

SAPATARIA OLIVA

Para comprar os seus sapatos para a presente estação da Primavera e quadra festiva da Páscoa, não deixe no seu próprio interesse de fazer uma visita a esta Sapataria, onde encontrará o maior e mais variado sortido em calçado para

SENHORA, HOMEM E CRIANÇA

MODELOS DE FINO GOSTO
CONFECÇÃO IMPECÁVEL
PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

SAPATARIA OLIVA

RUA DE SANTO ANTÓNIO, 48-54

Telefone, 40165

GUIMARÃES

PULVERIZADORES DE PRESSÃO

Srs. Agricultores!

Prefiram os pulverizadores «CARDOSO», por serem os únicos que lhes convém. E convem-lhes porque o seu funcionamento é tão prático que qualquer pessoa o pode manobrar com certa facilidade. O pulverizador de pressão «CARDOSO» não precisa de válvulas de segurança nem de manómetros para regular o ar.

O seu fabrico está feito de acordo com o peso máximo do ar e por tal motivo não tem complicações, tornando-se completamente isento de consertos e avarias. O pulverizador «CARDOSO» é o mais prático, o mais económico e o mais seguro que até hoje se tem fabricado.

Peçam uma demonstração ao seu fabricante:

José Ribeiro Cardoso

SENHORA APARECIDA—DOURO 115

Ofertas e Procuras

VENDE-SE

Respa para plantações e pontas de chifre de boi e vaca para cutileiros.

As melhores qualidades aos melhores preços. Informam nos baixos desta Redacção. 149

As Fábricas de Fiação

Vende-se um torço fino, em estado de novo, de 150 fusos e com motor acoplado.

Prestam-se informes nesta Redacção. 153

VENDEM-SE

Licenças de aluguer para automóvel com estacionamento em S. Torcato e Guimarães.

Informa Agência Automobilista Vimaranesense — Rua Gil Vicente, 14 — Telefone, 40246.

VENDEM-SE

Tear circular, alemão, moderno, para camisolas, com produção de 80 metros; uma máquina de punhos; 2 máquinas de costura, ponto de cadeia e acessórios, tudo quase novo.

Informa-se nesta redacção. 145

ESCRITÓRIO

Aluga-se, no Largo do Tournal. Informa-se na Redacção. 150

PASSA-SE

Por motivo de retirada passa-se o talho de carnes verdes em Urgez. Informa Rua da Madrã, 6 — Guimarães. 158

Aluga-se

O 2.º andar do novo prédio da Rua do Anjo, 31, próximo do Tournal. Também se aluga a loja do mesmo prédio. Falar CAMISARIA MARTINS. 159

CASA

Aluga-se com quintal e quarto de banho, nesta cidade. Esta Redacção informa. 157



O CALÇADO Superius

é um rigoroso exclusivo da

SAPATARIA VIMARANENSE

78—RUA DA RAINHA—82

Telefone 40145

GUIMARÃES

Não pinte o seu cabelo;

Faça-o regressar pouco a pouco com a

Loção de Colónia MIN-HOR

à sua cor antiga

Vende-se em todas as farmácias, drogarias e perfumarias. 119

PASSA-SE

«Loja dos Tabelados», Feira do Pão—Guimarães.

Estabelecimento de Fazendas brancas e Miudezas.

ESTE ANO COMEMORA A SAPATARIA LUSO AS SUAS BODAS DE PRATA 1927-1952

Um quarto de século de bem servir. Uma glória para esta casa, e uma garantia para quantos preferem o calçado da Sapataria Luso. 96

TIPOGRAFIA "IDEAL"

Trabalhos em todos os géneros

TELEFONE, 4881 GUIMARÃES

A. GOUVEIA TEM:

Para o seu lar: Rádios Philips
Frigoríficos Philips
Enceradores Philips e Vactric
Aspiradores » » »
Cilindros eléctricos Iris
Ferros automáticos, etc.

Para a sua Indústria: Tacos
Correias
Lançadeiras
Canelas
Pentes e todos os acessórios industriais...
Óleos e produtos «Shell»

Para o seu automóvel: Auto-rádio
Lâmpadas
Faróis
Gambearras e lubrificantes «Shell».

A. GOUVEIA... uma Casa às ordens de V. Ex.ª

AV. CONDE DE MARGARIDE—STAND N.º 3—TEL. 40436

TELE { fone, 4609
gramas: CARI

PEVIDÉM—PORTUGAL



CASIMIRO RIBEIRO
OBRAS PÚBLICAS - EDIFICAÇÕES GERAIS

SE SOIS SENSATOS

E ACREDITAIS QUE A HONESTIDADE NÃO É LETRA MORTA, OUVI...

... UMA LEMBRANÇA

O MEU ORÇAMENTO NÃO CUSTA DINHEIRO

... UMA OPINIÃO

NÃO O DISPENSEIS PARA DECIDIR SOBRE A ADJUDICAÇÃO DA VOSSA OBRA.

CARI AGUARDA-VOS



O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

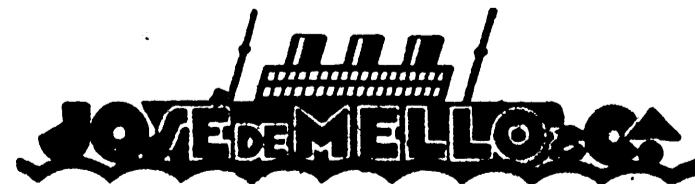
ANDA MUITO
BRINCA MUITO
DURA MUITO...

126

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57